

RUA ALBERT SCHWEITZER

Decreto nº 3706 de 14-10-1970

Formada pela rua 17 do Jardim Conceição

Início na rua Heitor Villa Lobos

Término na rua Circolo Italiani Uniti

Jardim Conceição

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Orestes Quércia. Protocolado nº 48.816/65 do vereador Alvaro Salveti.

ALBERT SCHWEITZER

Albert Schweitzer nasceu em Kayserberg, na Alsácia, então província alemã, em 14-janeiro-1875 e faleceu em Lambaréné, Gabão, antiga África Equatorial Francesa, em 04-setembro-1965. Passou sua juventude em Guensbach e estudou em Paris e Berlim. Em 1899, colou grau como doutor em Filosofia na Universidade de Estrasburgo. Em 1902 foi nomeado cura da Igreja de São Nicolau, em Estrasburgo, onde, um ano mais tarde, se tornou diretor do Colégio Teológico. Durante esse período, realizou conferências e publicou o volume biográfico "J. S. Bach", 1905, que juntamente com "Em Busca do Jesús Histórico", 1906, lhe deu fama internacional. Em 1905, deixou a cátedra, estudou medicina e cirurgia e depois de um curso de seis anos com especialização em doenças tropicais, em 18-abril-1913 embarcou para Lambaréné, no Gabão atual, na África. Ali instalou um hospital, num pequeno e rústico barraco, auxiliado por sua mulher, Helene Bresslau e por um nativo improvisado em enfermeiro, onde assistia aos moradores e realizou suas primeiras intervenções cirúrgicas. No local só havia pântano e florestas, às margens do rio Ogowe, e para tratá-los, abrigá-los e alimentá-los os próprios nativos auxiliaram na construção em que Schweitzer e sua mulher fizeram os papéis de pedreiro e carpinteiro. Para mantê-lo, passou a se apresentar em recitais de órgão que organizara na Europa em que ele era o solista e pronunciar conferências em diversas cidades, além da venda de suas publicações. Durante a I Guerra Mundial, por sua condição de alemão, a França o manteve prisioneiro em campo de concentração. Em 1952, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, com cujo dinheiro, construiu uma aldeia para os leproços. Na selva, Schweitzer não se limitava a tratar e curar, preocupando-se também com a pregação espiritual, adaptada à capacidade de compreensão dos nativos. É vasta a sua obra bibliográfica, entre as quais: "Na Borda da Floresta Primitiva", "Paulo e Seus Interpretes", "O Hospital Florestal de Lambaréné", "Goethe", "Historias Africanas", "O Problema da Paz no Mundo de Hoje", etc.

RUA ALBERT SCHWEITZER



DECRETO N.º 3706, DE 14 DE OUTUBRO DE 1970

Denomina "Albert Schweitzer" uma via pública da cidade de Campinas.

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "ALBERT SCHWEITZER", a Rua 17, do Jardim Conceição, com início na Rua 5 e término na Rua 8.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 14 de outubro de 1970.

DR. ORESTES QUERCIA
PREFEITO MUNICIPAL

ENG. JÚLIO CESAR PILENSO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SEC. DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim. Jeanete Apárecida Calil, assistente de advogado e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 14 de outubro de 1970.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE



ALBERT SCHWEITZER, UM SER UNIVERSAL

Erwin THEODOR

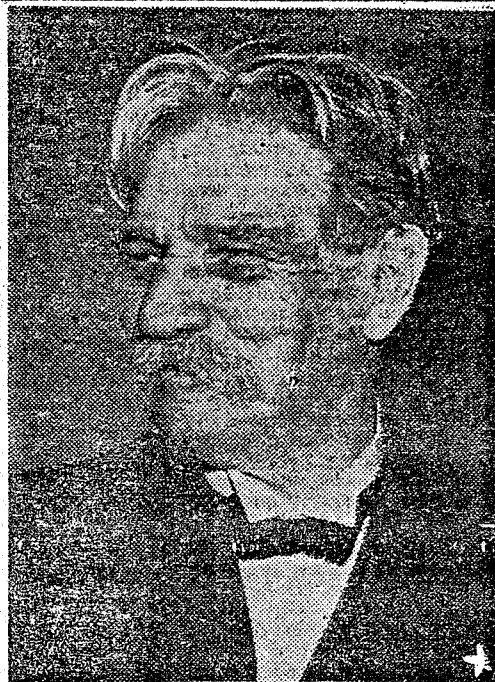
"PRINCIPALMENTE pela mais elevada de suas ações, pelo hospital que fundou, movido por pura abnegação humana, para apagar alguma culpa européia, em plena floresta virgem africana, sozinho e sem qualquer auxílio, é ele amado e admirado por todos aqueles que conhecem e respeitam a dignidade humana." Assim já se expressou Stefan Zweig há vinte anos acerca do grande humanista Albert Schweitzer, concluindo: "Esse humilíssimo servidor da humanidade é honrado hoje pelos melhores do mundo como o mais absoluto modelo moral, unindo-se grupo sempre crescente de partidários em torno dessa admirável figura."

DESDE a época em que tais linhas foram escritas cresceu a fama de Albert Schweitzer na proporção direta do aumento dos benefícios que suas ações têm derramado sobre parte considerável da humanidade e o eminente teólogo, médico, músico e escritor, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1953 já passou à história como uma figura quase sobre-humana pela sabedoria, tranquilidade e comedimento que difunde a nossa época conturbada.

ALBERT SCHWEITZER nasceu em Kayserberg, na Alsácia (então província alemã) no dia 14 de janeiro de 1875. Passou sua juventude em Guensbach e estudou em Strasburgo, Paris e Berlim. Em 1899 foi pastor protestante, em 1902 professor de teologia em Strasburgo. Em 1905 deixou a cátedra, estudou medicina e embarcou, em 1913, para Lambarene, no Congo francês, como médico. Através de concertos de órgão, conferências e trabalhos jornalísticos procurou obter meios financeiros para ampliar sua obra na África Equatorial, tornando-se bem conhecida a sua descrição da vida naquela parte do Continente Negro, "Entre a Água e a Floresta Virgem".

SUA importância como teólogo crítico se fundamenta nas suas obras a respeito das investigações sobre a vida de Jesus. Sua filosofia cultural e seus princípios de ética, animados pelo respeito perante o segredo da vida e a vontade de ajudar a existência de seres não-civilizados, baseiam-se na humildade e na determinação de servir a Deus. Como músico, tornou-se importante pela interpretação dos trabalhos e da personalidade de Johann Sebastian Bach e pelo incentivo e difusão que proporcionou aos concertos de órgão. Após receber, em 1928 o "Prêmio Goethe", em 1951 o "Prêmio da Paz dos Editores e Escritores Alemães" e, em 1953, o "Prêmio Nobel da Paz", foi distinguido, em 1954, com a mais elevada e altamente distinguida condecoração alemã, a "Pour le Mérite" da Paz.

EM representação condensada, forneceu Albert Schweitzer, na autobiografia "Minha vida e meu Pensamento" uma visão geral sobre as forças que eficientemente agiram sobre sua existência. Representa seus conhecimentos de forma bastante simples, permitindo mesmo aos leitores não-iniciados a compreensão total das suas melhores obras especializadas, tais como "A mística do Apostolo Paulo", "Johann Sebastian Bach", "Decadência e Restauração da



Albert Schweitzer

"Cultura", "Cultura e Ética", "O problema da Ceia", etc.

ENTRE outras obras ressaltam o seu "Goethe", livro que reproduz quatro de suas mais destacadas conferências, "Histórias Africanas", "O problema da paz no mundo de hoje", publicado há três anos e, muito recentemente, a sua mensagem contra as experiências de armas termo-nucleares, o que veio a ser mais uma de suas grandes contribuições à paz mundial.

ENTRE os livros sobre Albert Schweitzer cumpre destacar a obra de M. Tau: "Albert Schweitzer e a Paz" (1955) e "Respeito perante a Vida" (1956), assim como "Albert Schweitzer, um livro de amigos", no qual se encontram ensaios notáveis sobre o grande humanista, alguns dos quais de autoria de Hermann Hesse e do presidente da República Federal da Alemanha, prof. Theodor Heuss.

RUDOLF GRABS editou uma biografia já traduzida em diversos idiomas, na qual apresenta uma seleção das obras completas de Schweitzer. Esse trabalho usa as palavras deste, oferecendo um círculo fechado dos mais importantes pensamentos que dirigiram seu trabalho em apresentação realizada sistematicamente e cronologicamente.

SCHWEITZER não pertence a uma só nação. É verdadeiramente um ser superior, e um dos poucos "universais" vivos tanto no pensamento quanto no conhecimento. Aos 82 anos de idade ainda trabalha ativamente e, como nos anos anteriores, sua obra conhece apenas uma meta: mitigar os sofrimentos humanos, sob qualquer aspecto em que se apresentem.



Schweitzer — uma lição para toda a humanidade

Acima de suas qualidades como organista, professor universitário, estudioso de Bach e Goethe e historiador religioso, Albert Schweitzer — "o maior vulto do século", segundo Einstein — foi um homem dedicado à vida e a seus semelhantes.

Desprovido de qualquer interesse pessoal, abandonou, aos 30 anos, uma promissora carreira acadêmica, para fazer um curso de Medicina e seguir para a África, a fim de auxiliar os nativos carentes de assistência. Ali permaneceu até sua morte, aos 90 anos, sem deixar de conclamar o mundo ao desarmamento e à paz.

Hoje, data do centenário de seu nascimento, sua vida e sua obra continuam sendo uma importante lição para ser assimilada por um mundo que ele considerava à beira de uma nova Idade Média.

Depois de viver meio século na África, Schweitzer estava convencido de que a verdade, o amor, a serenidade, a humildade e a generosidade do coração são a única força capaz de dominar toda a violência.

Achava que tudo que os homens recebem mais do que outros homens — saúde, talento, êxito, infância feliz, condições de vida familiar harmoniosas — não devem usar para si próprios, como um bem natural.

Schweitzer fixou-se como médico — depois de um curso de seis anos de Medicina e Cirurgia e uma especialização em doenças tropicais — em Lamborene, na África Equatorial Francesa (hoje República do Gabão), a 18 de abril de 1913. Num pequeno e rústico barraco, auxiliado por sua mulher, Helene Bresslau (filha de um famoso historiador de Strasbourg) e por um nativo improvisado em enfermei-

ro, realizou as primeiras intervenções cirúrgicas.

Os doentes começaram a chegar e Schweitzer precisava tratá-los, abrigá-los e alimentá-los. Reuniu colaboradores entre os nativos. No local onde só havia pântanos e florestas, às margens do Rio Ogowe, começou a construir seu hospital, trabalhando ele próprio como pedreiro e carpinteiro. Quando os serviços do hospital foram instalados em choupanas e barracas, o **bom doutor** já era conhecido a centenas de quilômetros de distância.

Nascido a 14 de janeiro de 1875, em Kaysersberg, na Alsácia, filho mais velho de uma família de pastores protestantes e músicos, Albert sempre teve facilidades na vida.

Schweitzer equipava e mantinha seu hospital com fundos obtidos em recitais de órgão na Europa, aulas, e os direitos autorais de seus livros.

Com seus doentes, Schweitzer levava uma vida de resignação. Assumiu as dificuldades de uma pobreza franciscana, sem o menor conforto pessoal. Mas seu trabalho foi interrompido no final da I Guerra Mundial, quando, na condição de alemão, foi mantido em campo de concentração, na França.

Em 1924, finalmente, retornou a Lamborene, desta vez para ficar até sua morte, em setembro de 1965. De lá, saía apenas para angariar fundos ou tratar de assuntos relacionados com seu trabalho na África. Com o dinheiro do Prêmio Nobel da Paz, que ganhou em 1952, construiu uma aldeia para os leprosos. Em 1960, cinco anos antes de morrer, e já refeito da morte de sua mulher em 1957, Schweitzer



O Dr. Albert Schweitzer, numa foto de 1955

continuava trabalhando sem repouso em Lamborene — que se transformara numa cidade. Na ocasião, com 85 anos, resolveu construir uma estrada — que planejou e supervisionou — de 5 km. de extensão, ligando Lamborene à estrada Atouma-Libreville, que se tornara necessária devida a uma crise no abastecimento de arroz.

Na selva de Lamborene, Schweitzer não se limitava a tratar e curar. Preocupava-se também com a pregação espiritual, realizando sermões adaptados à capacidade de compreensão dos nativos.

Assim, sentia-se em condições de interferir ativamente nos problemas mundiais, fazendo seguidos apelos em prol da paz, concludando os povos a inspirarem seus governantes a concluir acordos de suspensão das provas com armas nucleares, no sentido de evitar uma "catástrofe para o mundo".